



**LITERARTE NA MALA PANTANEIRA: ABORDAGENS
INTERDISCIPLINARES EM EXPERIÊNCIAS FABULOSAS**

Ana Lúcia Gomes da SILVA¹

Maria de Lourdes Medeiros BRUNO²

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute a criação de fantoches, seguidos das experiências com o gênero fábula na formação de professores, daí o uso da expressão “fabulosas”. As ações fazem parte do Plano de Ensino desenvolvido nas disciplinas de Literatura Infantil e Fundamentos e Práticas do Ensino das Artes Visuais com acadêmicas do sexto e sétimo semestre do Curso de Pedagogia da UFMS/CPAQ. A proposta busca contemplar as pesquisas nas produções artísticas e literárias fundante nas áreas da literatura e arte: “literarte”. Aponta-se como linha de leitura a base interdisciplinar na premissa da parceria por se tratar das experiências de duas pesquisadoras que refletem a expressão e vivências de cada uma em um diálogo rico pelos tesouros da mala pantaneira³. As escolhas das fábulas ocorreram por considerarmos este gênero apropriado ao apresentar histórias com cenários próximos do imaginário do autor e leitor, especialmente quando o cenário é a fauna e flora pantaneira. Ainda, por se tratar de textos curtos e, por considerarmos o leitor professor como sujeito ativo capaz de gerar relevantes mudanças na educação. Na mesma direção os fantoches atendem a tarefa de contar histórias no ambiente escolar como recurso significativo e facilitador para o professor, que encontra no boneco um meio físico, real de envolver as crianças, de forma mágica e lúdica. Os resultados nos apontam que os objetivos foram alcançados ao percebemos que as acadêmicas se sentiram instigadas em ressignificar a prática da leitura numa perspectiva crítica. Sabemos que o reconhecimento às mudanças acontece de fato no palco da sala de aula, quando pelas histórias, chegamos no coração da criança como um presente.

Palavras chave: Literatura. Arte. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article presents and discusses the creation of puppets, followed by experiences with the fable genre in teacher training, thus resulting in the term “fableous”. The actions are part of the Teaching Syllabus developed with academics of the sixth and seventh semester in the disciplines of Children's Literature and Visual Arts Foudation and Practices in Teaching of the Pedagogy Course at UFMS / CPAQ. The proposal seeks to contemplate the researches in artistic and literary productions founding in the areas of literature and art: "literarte". The interdisciplinary basis is grounded on the premise of partnership as it deals with the

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana. Coordenadora de área pela CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID/Pedagogia. Dirigente da Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP/UFMS/CPAQ

² Professora licenciada em Português Literatura pela Universidade Santa Úrsula/RJ



background of two researchers who reflect the expression and experiences of each one in a dialogue rich through the treasures of the Pantanal “suitcase”. Fables were chosen because this genre is appropriate when presenting stories with scenarios that are close to the author's and reader's imagination, especially when the scenery is Pantanal's fauna and flora. Also, because they are short texts and we consider the teacher as an active subject capable of generating relevant changes in education. In the same way, puppets attend the task of telling stories in the school environment as a significant resource and facilitator for the teacher, who finds in the dolls a real physical mean of embracing children, in a magical and playful way. The results show that the objectives were achieved as we perceived that the students were encouraged to re-signify their reading practice in a critical perspective. Yet, we know that recognition of change happens in fact in the classroom stage, when, through the stories, as a gift, we reach the child's heart.

Keywords: Literature. Art. Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo reflete a forma particular de pensar a literatura e a arte, daí a expressão “literarte” nos pontos em comum pelas leituras que discutem a criação de fantoches, seguidos das experiências com o gênero fábula na formação de professores. Diálogos de duas pesquisadoras que teve início na década de 80 na extinta Escola Normal Jango de Castro em Aquidauana-MS e perdura até os dias de hoje. Tratam das suas experiências interdisciplinares literárias e artísticas na expressão de vivências de ambas e, atualmente fazem parte do Plano de Ensino desenvolvido nas disciplinas de Literatura Infantil e Fundamentos e Práticas do Ensino das Artes Visuais com acadêmicas do sexto e sétimo semestre do Curso de Pedagogia da UFMS/CPAQ.

No envolvimento com a Arte e Literatura as experiências têm sido “fabulosas”, como forma de anunciar ao leitor o trabalho com as fábulas! práticas que valorizam o conhecimento de mundo da cultura letrada e possibilitam a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação na abertura da mala pantaneira! Um recurso que tem nos possibilitado inventar e reinventar-se na compreensão do ser humano como um ser de ação e de gesto, que cria rupturas, cria o inédito e possibilita a constituição de si, do outro e do mundo, relacionando com o fato que compreende o ser humano como criativo e livre: ser criativo, ser de liberdade, de responsabilidade (de responder à sua existência), ser que emerge como ruptura. Visto dessa perspectiva, o ser humano acontece em meio à precariedade e ao desamparo, o que faz com que necessite do acolhimento do outro. Ser



homem é acolher o semelhante em sua jornada de significações e ser acolhido pelos demais em sua chegada ao mundo. “O homem só realiza, só se conhece no ‘encontro’ com o outro” (FAZENDA, 2011, p.55).

Como parceiras aglutinamos esforços de pesquisadores na interdisciplinaridade para garantir esse espaço de respeito ao outro nas instituições educativas de ensino superior. Um diálogo entre as disciplinas de Arte, Língua Portuguesa e Literatura na criação dos fantoches em abordagens sobre a diversidade de gêneros, discussão presente no universo dos nossos acadêmicos e da sociedade em geral. É também essa pluralidade que alcança as experiências com as fábulas, para atender à singularidade e fazer a diferença no desenvolvimento do currículo na formação de professores.

2 ASPECTOS FUNDANTES

Se a prática é fabulosa há de se envolver dois momentos ímpares da ficção literária: fábula e fantoche. E, para tratarmos da fábula e do fantoche apresentamos as origens das duas palavras, observando-se a secularidade de ambas: fábula do latim *fabŭla* <<idem>>: fantoche do italiano *fantoccio* <<idem>> pelo francês *fantoche* <<idem>> Ferreira (2010 p. 710 e 718). Ao abordarmos a expressão secularidade é importante que nos remetamos também às origens no tempo desses dois estilos tão peculiares e surpreendentes pelas características em si. Segundo Lacerda nos Clássicos da Infância (1994):

Muito se discute a origem da fábula, mas hoje parecem concordes os estudiosos em que se procede da Índia, conhecido como um desses mais antigos momentos literários, o Panchatantra, fabulário redigido em sânscrito (pancha e tantra, isto é cinco capítulos ou livros). Embora existisse desde pelo menos seis séculos antes da Cristo, só no século V da era cristã foi por ele publicado. Reúne várias histórias moralizantes e, assim é centrada a sua origem, o que vale mais uma fábula. (LACERDA, 1994, p.80 e 81).

Eis um exemplo, do estilo em questão: animais com pensamentos, ideias e atitudes humanas, situações típicas e comuns, diálogos, inserções e um ponto moralizante na fábula a ser discutida na formação. Nos valem dos Clássicos da Infância – Fábulas do Mundo inteiro:

Os macacos, o vaga-lume, e o pássaro.

Alguns macacos estavam reunidos no alto de uma colina, e uma noite viram ali um vaga-lume. Pensando que era fogo juntaram muita lenha, e depois começaram



a soprá-la e abaná-la com as mãos. Sobre uma árvore próxima havia um pássaro, que ao ver aquilo gritou:

- Não sejam tontos, o que viram não é o que pensam.

Os macacos não fizeram nenhum caso do aviso, nem sequer voltaram a cabeça para a ave conselheira. Ela continuou repetindo e repetindo as suas palavras, e, irritando-se, desceu para junto deles a fim de castigá-los pela desatenção. Um homem que por ali passava disse à ave:

- Não te intrometes a corrigir ou avivar o que não se corrige nem se aviva, nem a castigar e ensinar a quem não toma emenda. A pedra que não se pode cortar não é experimentada com espadas, e ninguém tenta dobrar o pau que não se pode dobrar. E eu digo que quem tentar fazer tais coisas se arrependerá.

O pássaro, por sua vez, não quis ouvir o homem e insistiu com os macacos, que nem sequer voltaram a cabeça para ver quem lhes falava sempre empenhados em acender um fogo que não existia. Furiosa a ave aproximou-se para castigá-los e um dos do grupo agarrou-a e tirou-lhe a vida num instante.

Dá conselhos somente a quem peça, e, ainda assim, com muito cuidado. (LACERDA, 1994, pág. 32 e 33)

Em se tratando de cada personagem (homem/animais), as atitudes serão múltiplas. Os comportamentos humanos, podem de certa forma fortalecer o mundo animal. Há aqueles que dão conselhos e os que não querem receber. Às vezes sabem, mas querem continuar no erro.

A “prática fabulosa”, nos leva a pensar nos humanos que pensam agem como animais, principalmente em se tratando no momento político de cada país. Há de se ressaltar, também, que a fábula se prende a um tempo bem distante do homem moderno, ainda assim, as práticas incomuns continuam.

Continuando essa trajetória do estilo em questão, surge Esopo que viveu no século VI a.C, tratando de abordar, também, algumas situações características dos seres humanos, através dos animais, assim como atitudes, comportamentos, caráter e estilo de vida, já que as mesmas são lugares comuns, quando tratamos das fábulas. Segundo consta nos Clássicos da Infância:

Era escravo e deformado. E algumas de “suas fábulas foram encontradas em papiros egípcios, com 800 ou 100 anos de precedência sobre as suas.”, sem impedir que seu nome fosse imortalizado “através dos séculos diante do gênero que o imortalizou.” (LACERDA, 1994, p. 189)

Um exemplo interessante e real, que se segue, mostrando uma característica bem comum dos seres humanos.

A raposa e a máscara.

Uma raposa manteria-se furtivamente na casa de um ator e, remexendo nos pertences dele, encontrou uma belíssima e bem acabada máscara.

- Bela cabeça, com efeito - comentou ela.

- É pena que não haja um cérebro aí dentro!

Um exterior bonito não é substituto para o vazio interior. (LACERDA, 1994, p.63)



O tom moralizante, também ressalta de maneira clara, o final e a mensagem que o texto encerra. De certa maneira, e muito óbvia, as fábulas apresentam uma eternidade que atravessa os padrões morais e éticos de quase todos os povos.

Em seguida Fedro, supõe-se que tenha vivido entre os anos 10 e 70 da nossa era. Filho de escravos, conseguiu a liberdade. Inspirou-se grandemente em Esopo, dando aos seus trabalhos, entretanto, um cunho de beleza que os enriqueceu. Seus trabalhos pendem mais para o terreno satírico do que para o moralizante. Eis um exemplo para ser lido, discutido e interpretado.

As abelhas e os zangões e a vespa como juiz de ambos os partidos. Algumas abelhas tinham feito seus favos num carvalho muito alto. Certos zangões vadios começaram a afirmar que aqueles favos lhes pertenciam. A causa foi levada ao tribunal, onde a vespa estava instalada na qualidade de juiz. Embora conhecesse perfeitamente ambos, disse a vespa:

- Vossa forma não é desigual, vossa cor é idêntica, de modo que o esclarecimento desse caso difícil, pois há possibilidade de dúvidas. Mas para que o meu dever sagrado não deixe de ser cumprido por insuficiência de conhecimento, cada partido deverá fazer sua colmeia, lançando sua produção nas celas feitas de cera. Pelo perfume do mel e o feitio do favo ficará evidente qual é o partido produtor do que é causa da presente discussão.

Os zangões desistiram do caso, enquanto as abelhas mostravam-se satisfeitas com a proposta. Então, a vespa pronunciou a seguinte sentença: “Tornou-se evidente quem fez o favo e quem não é capaz de fazê-lo. Portanto, restituo às abelhas o fruto de seu trabalho”. (LACERDA, p. 80 e 81)

Mesmo com certo tom de sutil sátira, o final moralizante tem seu lugar reservado nas fábulas, evidenciando o sentido da justiça através da produção dos envolvidos.

Seguindo a trajetória “Literarte: uma prática fabulosa” Jean de La Fontaine, em 1668, teve as suas fábulas publicadas, marcando assim a secularidade e a eternidade das mesmas. O tempo só faz evidenciar e valorizar o estilo abordado.

Há de observar no contexto em questão, o da fábula “que os animais têm ao mesmo tempo, a verdade humana e a verdade zoológica”. No texto “As Duas Cadellas” (respeitando-se a ortografia) as verdades costumeiramente permanecem, ressaltando um acontecido bem moderno e atual.

Estando para cada hora
Certa cadella da rua,
Pedi a uma amiga sua
Quarto e cama. Sem demora



Valeu-lhe a amiga; e passado
Sendo talvez mez e meio,
Com bons modos pedir veiu
O que lhe havia emprestado.

A hospeda para ficar,
Quinze dias pede ao menos,
Allegando que os pequenos
Mal começavam a andar

Cede a a miga...triste d'ella!
Pois, findo o praso ajustado,
Reclamando o ninho amado,
Lhe rosnou a mãe cadella:

Sairemos da casa tua,
Eu e toda minha gente
Se for capaz o teu dente
De nos pôr no andar da rua.
De emprestar a casa, foge:

Todos vem com os pés de lá:
Porém do, hóspede de hoje
Sae-te o patrão de amanhã.
(CHAGAS E BRAGA, 1928, p.11)

Em se tratando do texto “As duas cadelas” três momentos se apresentam no texto transcrito: O da necessidade; O da ingratidão; O do poder (posse). Passado o tempo e um número maior do que na hora da necessidade, faz-se de poderosa e cheia de si, sem sair do lugar que passou a ser seu, simplesmente porque a dona da casa, penalizada deu-lhe moradia, levada pelo sofrimento da cadela pedinte e grávida, prestes a parir. E assim acontecendo a antiga dona perdeu a casa e a proteção, sendo expulsa pela invasora.

É um passado que se faz presente entre nós, na forma de poesia, mas com abordagem atualíssima, não deixando qualquer dúvida sobre política econômica e social ligada à moradia. Observando-se, que através dos séculos as fábulas sobreviveram e sobrevivem, trazendo para o momento presente os diálogos entre animais, humanizados com todos acerto e desacertos, erros, submissão, poder, alegria e tristeza tão característicos dos seres humanos. E bem caracterizadas as distorções humanas de caráter. Os sete vícios capitais podem ser explorados, sem sombra de dúvida.

Sinalizando positivamente, os fantoches surgem da “magia da arte milenar do Teatro de Bonecos que encanta adultos e crianças. É uma das mais remotas maneiras de diversão entre a humanidade.”. No resgate prosseguimos: “E a sua origem está no Antigo Oriente, em países como a China, Índia, Java, Indonésia. Por intermédio dos mercadores foi



dispersando para a Europa, inclusive sendo usado na Idade Média como instrumento de evangelização.”

Na América, lá pelos, idos do século XVIII, devido aos “grandes descobrimentos” tornou-se Teatro de Bonecos (fantoques) conhecido e divulgado, principalmente nas feiras medievais, igrejas e palácios. Mas como uma Arte Milenar chegou até nós em plena era das sofisticadas e inovadoras tecnologias? Chegou porque envolve a imaginação e a imaginação não tem barreiras. Ela se completa e evolui através dos tempos. Como unir fábulas e fantoches num cenário pedagógico, sem que percam a magia e o encantamento? Se prendendo no campo das palavras e no das imagens, trabalhando a criatividade e o encantamento resultando no fascínio do maravilhoso voltado para o mágico.

Teatro não é magia? Sim. E as palavras completam a obra em si. Daí as fábulas por meio dos bonecos se tornarem elementos vivos de uma mensagem a ser passada, usando as cores e as formas do mesmo de uma maneira incomum, colorida e lúdica, mesclando o tom moralizante das fábulas, trabalhando o movimento do corpo, posição das mãos, flexibilidade dos braços, coordenação motora, fala e principalmente a leitura das imagens e dos textos, porque o inanimado torna-se animado, vivo, com movimentos.

Eis uma perspectiva divertida de mudança pedagógica no contexto escolar, porque poderá envolver disciplinas variadas, mesclando o conteúdo formal com a magia dos bonecos, que de acordo com a situação em si inovarão o que for trabalhado, observando-se que “Fábula é uma história imaginária da qual se tira uma lição”. Segundo Fábulas de La Fontaine/Ilustradas por Gustavo Doré Editora Brasil- América Limitada- EBAL - julho de 1975.

Levando cada aluno a produção de seu texto, trabalhando o mágico e o ficcional. Dar classificação exata ao gênero conhecido como “fábula” é praticamente impossível. Sendo uma das formas de narrativa mais recuadas no tempo, confunde-se com a mitologia, é irmã gêmea do apólogo, aproxima-se do conto popular, introduz na região a lenda e o folclore, e acaba por se tornar um pouco de tudo isso”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do imaginário com a magia dos fantoches e teatro de bonecos para promover a criatividade, a criticidade e a sensibilidade do acadêmico. No decorrer brincamos com as palavras, oferecendo várias possibilidades na interpretação e na



compreensão dos textos escolhidos. Nesta direção provocamos reflexões, com o auxílio de Rubens Alves nas perguntas: “O que o poema lhe sugeriu? Podendo alterar para essa fábula. O que é que vocês vêem? Que imagens? Que associações?”

Aspectos artísticos, literários, históricos e geográficos foram abordados com o recurso da leitura, interpretação e do ocorrido com fábula e produção dos fantoches, trabalhando paralelamente tempo, espaço e personagens.

Não perdemos de vista cada momento que permearam as ações desenvolvidas com temáticas que promoveram reflexão, mas, sobretudo, que fizeram a turma sentir prazer em ler e buscar, com certeza, mais e mais leituras, ou voltar, mais e mais vezes, ao mesmo texto.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Pinheiro, BRAGA, Theophilo. **Fábulas de La Fontaine** - Traduções Modernas. Rio de Janeiro, 1928.

LACERDA, Nair. **Clássicos da Infância- Fábulas do Mundo Inteiro** Círculo do Livro, São Paulo, 1994.

ALVES, Rubens. **Interpretar é compreender**. São Paulo, 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u814.shtml>, acesso em 20 nov. 2017.